

EDITORIAL

O papa enviou faz pouco tempo à Igreja uma encíclica onde quer que ela brilhe como *Veritatis splendor*. Esse desejo do Cristo que fez da Igreja a luz do mundo precisa muito mais do nosso esforço que um otimismo satisfeito nas suas seguranças abstratas poderia oferecer: *Tanto ou mais ainda que pelas verdades da fé, é ao propor os fundamentos e os conteúdos da moral cristã que a nova evangelização manifesta a sua autenticidade, e, ao mesmo tempo, expande toda a sua força missionária, quando se realiza com o dom não só da palavra anunciada, mas também da palavra vivida.*¹ Daí nosso esforço de compreender o que o povo de Deus está vivendo. A luz deve ser conquista dinâmica e não apenas uma fixação sobre o esforço heróico das tradições recebidas no passado. Sobretudo é preciso distinguir o recebido no passado com o recebido do passado. Os exemplos devem arrastar-nos, as lembranças devem ser mantidas em sua estrita qualidade de lembranças...

1. JOÃO PAULO II, *Veritatis splendor*, n. 107. Em *OSSERVATORE ROMANO* 10/10/93, p. 485.

Dentro dessa obrigação nossos professores e alunos tentam construir uma teologia que compreenda o que vive, leve avante o que experimenta e possa obedecer a São Paulo: *procura apresentar-te diante de Deus como um homem digno de aprovação, como um operário que não tem de que se envergonhar, que distribui retamente a palavra da verdade* (2Tm 3, 15).

Certos temas são difíceis mas nem por isso menos abordáveis ou talvez por isso mais direito têm eles sobre nossa reflexão e nosso estudo.

Luís Sutter aborda o tema da cultura e da vivência da religião. Reconhece que o homem no mundo não é apenas uma criatura a mais: pela inteligência e pela habilidade de criar símbolos que lhe permitem ir além do que já existe, ele ultrapassa a natureza dada e cria a natureza transformada, organizada, hominizada. Frágil talvez em seu início perante as forças naturais superiores a ele em tamanho, o homem se educa, herda e cumula fazendo da cultura uma nova estrutura que lhe permite dominar e transformar toda a criação. Assusta talvez o sabermos que a cultura pode também enriquecer nossa vivência, abrindo-lhe novos espaços de desenvolvimento e de transformação. Certamente o Evangelho não é uma estrutura imutável e fechada. Para nos salvar de toda maldade tem de ir longe e

andar por caminhos que nunca trilhou mas onde passa a criação humana. Como inculturar nosso Evangelho?

Há quem vá mais longe. Nossos estudos de psicologia profunda e de antropologia permitiram conhecer coisas que revelam o interior do homem com toda a sua tensão de vida e de morte. Mesmo a reflexão sobre visões de divindades não verdadeiras mostram a realidade que se apresenta ao homem como desafio a enfrentar: não se pode ignorar a sereia da morte nem o mar da vida. Tenha ela o nome de Iemanjá ou outro, é um mito da tentativa do homem de encontrar sua verdadeira natureza. Existe uma resposta cristã? Maria é uma proposta que responde da parte da revelação? Os padres da Igreja oferecem um caminho que nós também devemos utilizar: a cultura humana explicita realidades divinas...

Na difícil experiência da inculturação, os fiéis de raça negra tem no momento presente uma vivência invejável: são cobrados pela história, pelas autoridades², pela sua necessidade de identidade a se dizerem para si e para os outros. Não sem dúvidas, não sem tensões, a inculturação da negritude é um passo de gigante numa Igreja que quer chegar à plenitude. Antonio Aparecido Silva quer compreender a inculturação do Evangelho na comunidade negra não nas ideologias mas na realização da **negritude**. Podia tornar suas as palavras do Papa João Paulo II: *encorajo-vos a defender a vossa identidade, a ser conscientes dos vossos valores e a fazê-los frutificar*.³

Um comentário não é necessariamente um ensaio onde só a imaginação trabalhe. Pode ser uma compreensão de alguém que estudou profundamente ou de alguém que experimenta riquezas difíceis de encontrar num árido estudo sistematizado. Convidamos nossos alunos a compreender o que se fala de profundo e o que se vive de descoberta.

Num seminário sobre epistemologia da revelação foi lido e aprofundado o livro de Juan Luis SEGUNDO: *O dogma que liberta*. Foi lido como estudo e como experiência. Dos frutos desse trabalho nos conta um pouco nosso aluno Paolo PARISE revelando-se um bom testemunho de uma leitura.

Que tal ler os salmos como ciência e como experiência vital em grupo? Ler frase por frase, depois de saber como foi escrito e como chegou até nossas mãos? Ler como se fossem os olhos de Deus que os aplicassem a experiência que fazemos todos os dias, também com a vida e os movimentos internos que sentimos todos os dias... nossos alunos tentaram e você pode colher com eles os frutos dessa leitura...

Na recensão comentamos um livro que será certamente muito procurado: um resumo de moral que se faz em círculos onde se acha logo o centro da questão mas também onde se

2. Idem, *Mensagem aos afro-americanos*, n. 3-4. Em CELAM, *Santo Domingo: Conclusões*, São Paulo, Loyola-CELAM, 1993, pp. 202-203.

3. Ibidem, n. 3, p. 203.

mostra que um centro tem alcances curiosos e surpreendentes. Um livro que acredita que a moral não nasce feita mas cresce, transforma e liberta energias para criatividade cada vez mais lúcida, coerente e libertadora. Ainda mais: um livro que é feito por moralista de nome e de experiência. Boa apresentação de nosso professor de introdução à Moral, Darci Marin.

Foi arriscado, mas tentamos ver São Domingos como um livro normal, como uma bibliografia a ser comentada. Sem paixão, quase sem interesse. Experimente também fazê-lo: ganhará você vendo mais que se costuma ver em um documento oficial, ganha também o texto que é lido em si e não como pretexto para nossas observações subjetivas.

P. Antonio Silva CSSR